

A visão de docentes universitários brasileiros sobre a internacionalização da Educação Superior

Educación superior, política y sociedad

Pricila Kohls dos Santos¹

Marília Costa Morosini²

1 PUCRS, Brasil, pricila.kohls@gmail.com

2 PUCRS, Brasil

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar como docentes universitários brasileiros compreendem a internacionalização da educação superior em termos de conceito, características e desafios. A metodologia adotada é qualitativa, sendo que a coleta dos dados foi realizada por meio de questionário com docentes da Educação Superior do Brasil. O instrumento de coleta de dados está constituído por perguntas fechadas e abertas, obedecem às grandes categorizações: conceito, características e desafios, além de dados sociodemográficos. Os desafios à internacionalização foram destacados em três perspectivas: nacional, institucional e pessoal. A institucional foi a predominante citando: necessidade de conhecimento e transparência, comunicação entre as pessoas envolvidas no processo; elaboração projetos; realização de parcerias com outras instituições e também a necessidade de capacitação do docente. Na perspectiva pessoal, foi destacado o papel do professor e a necessidade de investir no desenvolvimento profissional docente; oportunizar o trabalho sobre questões mundiais; estar aberto

e ter disponibilidade de tempo para buscar informações acadêmicas relevantes decorrentes de processos de internacionalização; relacionar a realidade educacional com as culturas de países desenvolvidos; proporcionar momentos de conhecimento e troca com intercambistas, apontando para um mundo que já está globalizado, entre outros aspectos. Nesse sentido, as considerações finais nos levam a internacionalização da Educação superior num contexto de ensino em classes culturalmente diversas e que destaca a importância de iniciativas nacionais, institucionais e fatores pessoais. O importante é sair da zona de conforto, é engajar-se no aprendizado do aluno, diverso, cada vez mais a realidade dos países emergentes, no caso em estudo. Focando no estudante como aprendiz, com respeito a diversidade, providenciando contextos e informações específicas, possibilitando o entendimento e o engajamento intercultural, respondendo as evidências e preparando estudantes para a vida num mundo globalizado.

Palabras clave: Educação Superior, Internacionalização da Educação Superior, Docente, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

A produção acadêmica sobre internacionalização da educação superior no Brasil é restrita, diferente de outros países, tais como os europeus e norte-americanos. A internacionalização universitária apresenta diferentes conceituações, uma das mais difundidas é a de Knight (2004) que compreende a internacionalização como qualquer atividade (teórico-prática) sistemática que tem como objetivo tornar a Educação Superior mais respondente às exigências e desafios relacionados à globalização da sociedade, da economia e do mercado de trabalho. Enfim, a literatura sobre internacionalização da educação superior vem crescendo e deslocando-se da necessidade da internacionalização para a discussão do conceito e estratégias de internacionalização e para a constituição do cidadão global (Clifford, 2014).

A esse respeito Morosini (2017) afirma que o cidadão global pode ser considerado por indivíduos que pertencem a uma humanidade comum, promovendo a “visão global” que aproxima o local e o mundial, o nacional e o internacional.

As instituições de educação superior têm enfrentado desafios inerentes ao Século XXI, sendo estes de cunho econômico, social e educativo. Diversas correntes educacionais deste século preconizam a universidade com a responsabilidade da formação do cidadão global sinalizada pela competência global. Entende-se por Competência global a busca pela compreensão de normas e expectativas culturais dos outros, aproveitando esse conhecimento para interagir, comunicar e trabalhar em diferentes contextos e reconhecer as próprias limitações e habilidades para participar de encontros interculturais. (Morais e Ogden, 2010).

2. A INTERNACIONALIZAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

No contexto brasileiro, a internacionalização da educação superior ganha destaque, mais fortemente, na última década, com os investimentos governamentais e também a partir das exigências quando da avaliação dos programas de pós-graduação do país, sendo realizadas em grande medida pela mobilidade acadêmica. Via de regra a internacionalização é vista na perspectiva do global norte, com a participação de estudantes em programas de intercâmbio para os países do Norte (em geral Estados Unidos e Europa).

Robertson (2012) identifica duas perspectivas de internacionalização da educação superior: a simbólica e a transformativa. A simbólica é a internacionalização que pode existir em instituições onde as partes interessadas reconhecem e são motivadas, principalmente, por aspectos econômicos e competitivos. Essas instituições mantêm os seus programas, visando à atração de estudantes estrangeiros e investigadores de elite. A internacionalização transformativa caracteriza instituições onde as preocupações internacionais são visíveis e estão incorporadas na rotina do pensar e fazer (em questões de política e de gestão), no recrutamento de funcionários e estudantes, na elaboração de currículos e programas.

Marginson (2014) complementa dizendo que a educação internacional “é a chave para breçar, de forma decisiva, o etnocentrismo.” (p.18). O autor ainda destaca que a internacionalização pode estar voltada para um processo de autoformação do estudante, o qual potencializa a sua autonomia (Zabalza, 2015) e/ou para um processo de ajustamento do estudante estrangeiro aos requerimentos locais, que se constitui no paradigma dominante atualmente das pesquisas sobre educação internacional. O paradigma do ajustamento se enquadra na compreensão da superioridade cultural, enquanto que o paradigma da capacidade da autoformação humana se enquadra no contexto da pluralidade cultural.

Diversos autores apontam a importância de atores no processo de internacionalização da

educação superior. Entre esses Leask (2013) destaca o professor e sua atuação na internacionalização do currículo. A este respeito Cornish (2015), apresenta algumas boas práticas, a saber: conhecimento e compreensão de pesquisas de como o estudante aprende e as implicações para o ensino e das estratégias de diferentes formas de ensino para atendimento das necessidades específicas de aprendizagem; plano de ensino sequencial tendo como suporte o conhecimento das maneiras de aprender do estudante, do conteúdo e de suas estratégias; e estratégias para apoiar a participação e o engajamento de estudantes em atividades de classe.

Enfim, a literatura sobre internacionalização da Educação superior vem crescendo e deslocando-se do viés da necessidade da internacionalização, para a discussão do conceito e estratégias de internacionalização, e, também, para a constituição do cidadão global. (Clifford, 2014).

3. OBJETIVO

O presente estudo tem por objetivo analisar como docentes universitários brasileiros configuram a internacionalização da educação superior em termos de conceito, características e desafios.

4. METODOLOGIA

Para o alcance do objetivo proposto, o presente estudo, de caráter qualitativo, fez uso do questionário para coleta de dados. Num estudo qualitativo, pretende-se, com apoio de autores como Brandão (2003, p. 18), encaminhar uma abordagem que contemple um “fluxo progressivo de construção e de aperfeiçoamento de dimensões da conectividade, entre as múltiplas e complexas esferas de realização da compreensão humana, levada a efeito por meio da ciência”.

O questionário, dado que responde a um método hipotético dedutivo, pressupõe a existência de um conjunto de variáveis conhecidas a priori que traduzidas em indicadores podem medir, conhecer sua distribuição em uma dada população. Assim, foi aplicado um questionário, pré-testado, com perguntas abertas e fechadas à docentes da educação superior acerca da sua percepção sobre a internacionalização da educação superior. Tal questionário teve por objetivo identificar a concepção dos docentes sobre a formação para a cidadania global levando em consideração a internacionalização da educação superior, bem como suas características e desafios. O mesmo foi aplicado online, através da plataforma Qualtrics¹, entre os meses de dezembro de 2016 e abril de 2017. Salientamos que esta plataforma permite a identificação através do endereço IP (*Internet Protocol*) da conexão, o que inibe a possibilidade de um mesmo participante responder ao questionário mais de uma vez. Salientamos que esta investigação levou em consideração os procedimentos éticos na pesquisa estando a mesma inserida no âmbito do Centro de Estudos em Educação Superior (CEES). Participaram da pesquisa por meio de questionário 123 docentes, mediante aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, item obrigatório para participação da pesquisa.

¹ Serviço de organização e coleta de dados para pesquisa via web, que possibilita criar e responder questionários para posterior análise estatística (<http://www.qualtrics.com/>).

5. RESULTADOS

Ao analisar a questão referente ao entendimento sobre o que é internacionalização e como a mesma pode ser realizada para a formação para a cidadania global, encontramos informações que perpassam pela abertura à diferentes realidades, o currículo multicultural, experiências interculturais, pesquisa em colaboração internacional, presença de temas globais em sala de aula, ações formativas ao longo do curso, preparação do corpo docente, estudo de autores internacionais, conhecimento dos diferentes sistemas de ensino superior e convênios estabelecidos. Nesse sentido, apresentamos os dados analisados a partir da contextualização da amostra e da internacionalização da educação superior na visão dos docentes participantes desta investigação.

5.1. Caracterização da amostra

Dos participantes da pesquisa, todos possuem formação em nível de graduação ou superior, sendo que do total da amostra 78,6% são do gênero feminino e 26,3% do gênero masculino. Todos os docentes têm mais de 30 anos e 44% tem acima de 50 anos. Em sua maioria atuam em cursos das áreas das Humanas e tem uma larga experiência em docência: 83% mais de 10 anos e 50 % mais de 15 anos e 94% com formação pedagógica. Todos os docentes são pós-graduados: 61% mestrado, 11% doutorado e 28% com pós-doutorado, e 61% já teve experiência acadêmica internacional. O Gráfico 1 apresenta a distribuição de idades dos docentes participantes da investigação em relação a sua formação acadêmica.

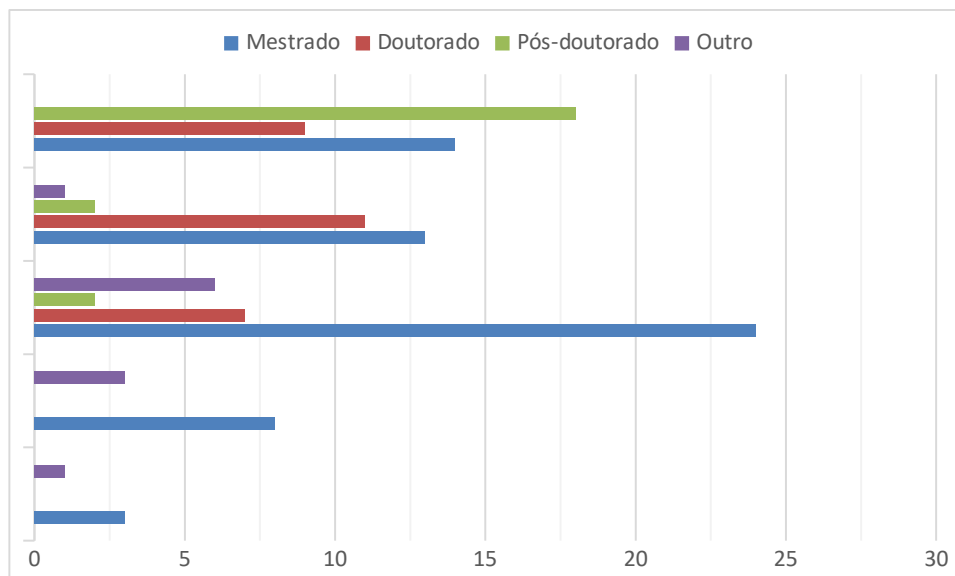


Gráfico 1: Distribuição da faixa etária e formação acadêmica

Como pode ser visto no Gráfico 1, a maior concentração de respondentes está na faixa etária dos 30 a 39 anos e com formação acadêmica em nível de mestrado, seguido de participantes com formação em nível de pós-doutorado e idades de 50 anos ou mais. Do total dos participantes, 3,28% tem idades entre 18 a 24 anos, 9,02% dos participantes tem idades entre 25 a 29 anos, 31,97% de 30 a 39 anos, 22,13% de 40 a 49 anos e 33,61% participantes estão na faixa etária de mais de 30 anos. Com relação a formação, 50,82% possuem mestrado, 22,13% doutorado, 18,03% pós-doutorado e 9,02% outro nível de formação acadêmica. Podemos perceber que a amostra é composta por docentes experientes e iniciantes.

5.2. A internacionalização na visão dos docentes

O conceito acerca da internacionalização segue em construção, para alguns dos docentes brasileiros este é um tema novo e as vezes abordado com certa estranheza. Ao serem questionados sobre o seu entendimento sobre Internacionalização da Educação Superior, os docentes elencaram por ordem de relevância, dentre as opções apresentadas, as que mais se aproximam de sua compreensão sobre o tema. Dos respondentes, 51% elenca como mais relevante a Mobilidade/Intercâmbio; 28% destaca a Pesquisa em colaboração internacional; 14% o Currículo internacional; 5% Exp. Docente Internacional e 2% outros. Tal informação pode ser melhor visualizada no Gráfico 2.

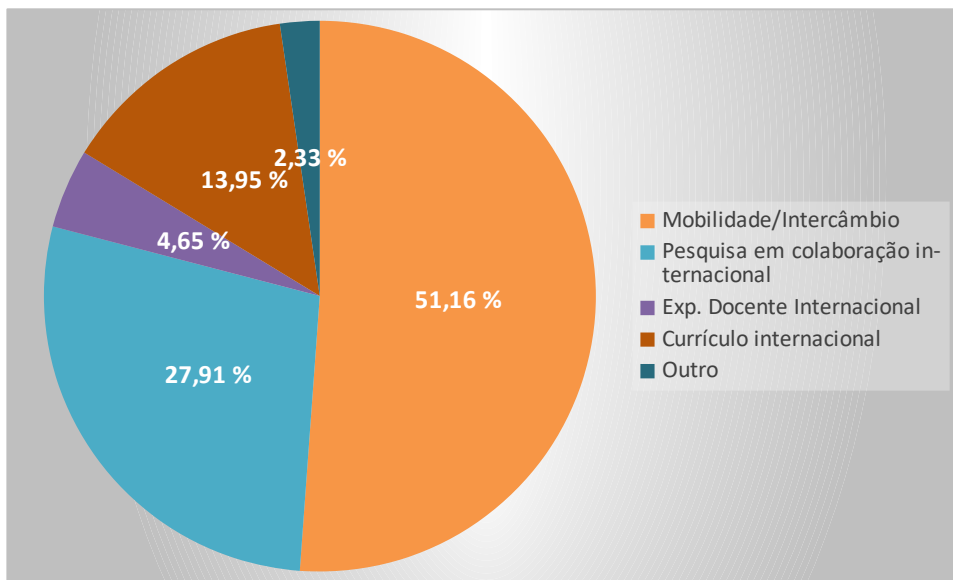


Gráfico 2: Entendimento sobre internacionalização

A complexidade do conceito de internacionalização é privilegiada, em 55% das respostas, sendo que a noção de mobilidade estudantil e docente foi a dominante e apenas 16% apontou que o conceito de internacionalização está relacionado a um currículo internacional. Alguns docentes desenvolvem uma ideia mais ampla desse processo. “*Entendo que a internacionalização da Educação Superior passa por todas estas modalidades, desde o intercâmbio, a própria pesquisa colaborativa como a experiência internacional.*” (Participante 11)

Apreendemos, das respostas dos participantes, que internacionalização simbólica foi a predominante: 67% dos docentes nunca realizaram nenhuma experiência acadêmica internacional no currículo em que atuam. Constata-se também que dos docentes que afirmam já terem realizado alguma experiência, algumas não estão diretamente relacionadas ao currículo ou às práticas em sala de aula e sim, e novamente, com mobilidade e/ou intercâmbio, como relatado pelo Participante 24 ao afirmar que participou de atividades de internacionalização “*Recebendo pessoas de outros países, organizando uma rotina de atividades para o conhecimento cultural e científico*”. Sendo que outro participante relata que a internacionalização pode ser “*Coordenar a mobilidade acadêmica do curso e receber professores internacionais*” (Participante 9) ou ainda “*Mobilidade acadêmica IN e OUT de alunos, pesquisas com instituições internacionais, sediar eventos internacionais*”. (Participante

16).

Sendo que alguns docentes desenvolvem uma ideia mais ampla desse processo, tal como apontado neste argumento *“Entendo que a internacionalização da Educação Superior passa por todas estas modalidades, desde o intercâmbio, a própria pesquisa colaborativa como a experiência internacional.”* (Participante 3)

Sendo que, alguns dos resultados apontam que os participantes consideram o professor como muito relevante para a internacionalização (61%) e 83% como relevante e/ou muito relevante. Destacam também o suporte acadêmico e os estudantes como relevantes para o processo da internacionalização.

Os desafios à internacionalização foram destacados em três perspectivas: nacional, institucional e pessoal. A institucional foi a predominante citando: necessidade de conhecimento e transparência, comunicação entre as pessoas envolvidas no processo; elaboração projetos; realização de parcerias com outras instituições e também a necessidade de capacitação do docente. Na perspectiva pessoal, foi destacado o papel do professor e que o mesmo necessita investir no seu próprio desenvolvimento; oportunizar o trabalho sobre questões mundiais; estar aberto e ter disponibilidade de tempo para buscar informações acadêmicas relevantes que venham de processos de internacionalização; relacionar a realidade educacional com as culturas de países desenvolvidos; proporcionar momentos de conhecimento e troca com aqueles que já passaram pelo processo de internacionalização, apontando para um mundo que já está globalizado, entre outros aspectos.

Ao abordamos a temática da internacionalização, nos deparamos também com a constituição de um cidadão global ou globalizado, neste sentido, ao serem questionados sobre tal aspecto inerente da internacionalização, os docentes apresentam diferentes entendimentos sobre esta questão.

Considero que um cidadão global deve ter a preocupação com o desenvolvimento sustentável, a defesa pelo meio ambiente, o respeito a diversidade humana e aos direitos humanos, o sentimento de responsabilidade para com a coletividade e o compromisso com a viabilidade de sociedade mais equitativa e sustentável. (Participante 32)

Uma das características do cidadão global é ser aquele que percebe as inter-relações entre o local e o global, pensa globalmente para trazer soluções para necessidades locais. Consegue compartilhar ideias e trabalhar colaborativamente, não aceita tudo que lhe é apresentado, pois trabalha a partir do pensamento crítico e do olhar para o outro e com o outro. (Participante 29)

Ao analisar a questão referente ao entendimento sobre o que é internacionalização do currículo e como a mesma pode ser realizada à formação para a cidadania global, encontramos informações que perpassam pela abertura à diferentes realidades, o currículo multicultural, experiências interculturais, pesquisa em colaboração internacional, presença de temas globais em sala de aula, ações formativas ao longo do curso, preparação do corpo docente, estudo de autores internacionais, conhecimento dos diferentes sistemas de ensino superior e convênios estabelecidos. Trazemos a fala de um dos participantes da pesquisa quando diz que a formação para a cidadania global seria a formação de *“um cidadão com capacidade de compreender o mundo dentro de suas especificidades, quais sejam, cultura, economia, política e sociedade”* (Participante 46). Ao passo que um dos participantes, em sua fala, se diz contrário a este movimento. *“Não concordo que deva ser realizada. A ideia de um cidadão global está na contramão da valorização das diferenças locais, regionais, nacionais, pois é orientada para*

globalização e padronização de saberes” (Participante 4).

Destacamos nesta fala o desafio inerente neste processo de formação, pois sendo o professor um ator fundamental para o desenvolvimento da cidadania global, necessária é a preparação e a formação deste profissional para atuar com este intuito. Sendo que da fala de um outro participante ressaltamos a que diz que

“O papel do professor é de extrema relevância, pois é através do seu interesse em participar de processos de internacionalização que ele poderá contribuir para o seu crescimento e para o interesse e o aprendizado dos alunos nesse contexto. Todos os estudantes viverão em um mundo globalizado, como profissionais e cidadãos, e isso representa uma lógica comum para a internacionalização.” (Participante 54)

Já um outro participante vê o professor

“Como articulador desse processo; como alguém que tem a responsabilidade de contribuir na [re]articulação e dinamização curricular dos cursos que atua (graduação e pós), assim como estabelecer redes de produção e interlocução educação básica e superior, nacional e internacional...” (Participante 10)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais nos levam a internacionalização da Educação superior num contexto de ensino em classes culturalmente diversas e que destaca a importância de fatores nacionais, institucionais e pessoais. O importante é sair da zona de conforto, é engajar-se no aprendizado do aluno diverso, realidade dos países emergentes. As evidências nos levam a propor que a docência universitária tenha como foco o estudante como aprendiz, com respeito a diversidade, providenciando contextos e informações específicas, possibilitando o entendimento e o engajamento intercultural, respondendo as evidências e preparando estudantes para a vida num mundo globalizado (Leask, 2013). Ainda assim se faz necessária uma formação docente que considere a internacionalização para além da mobilidade acadêmica, para poder, assim, trabalhar a formação dos estudantes em uma perspectiva global, também, desde a própria instituição a qual estão vinculados. Entendemos que a instituição e os incentivos governamentais são importantes para o desenvolvimento da internacionalização, mas, como sinalizado por alguns participantes, o professor pode auxiliar na promoção de contextos internacionalizados a partir de ações vinculadas a sua sala de aula, promovendo redes de pesquisa e a articulação de temáticas nacionais e internacionais.

BIBLIOGRAFIA

- Brandão, C. R. (2003) *A pergunta à várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. São Paulo: Cortez.
- Clifford, V. (2013). Transformative Learning Through Internationalization of the Curriculum in Higher Education. *Journal of Transformative Education* 01/2014; 13(1):46-64. DOI: 10.1177/1541344614560909

- Cornish, I. (2015) The Challenge of Developing reflective practitioners. In: Engers, Morosini, Felicetti. *Higher Education and Learning*. Porto Alegre: EdPUCRS. 241 – 252.
- Knight, J. (2004). An internationalization model: Responding to new realities and challenges. In: DE WIT, Hans et al. *Internationalization of Higher Education in Latin America: The International Dimension*. Washington: World Bank.
- Leask, B. (2013) Internationalizing the curriculum in the disciplines: imagining new possibilities. *Journal of Studies in International Education*. 17(2), p. 103-118.
- Morais, D. B.; Ogden, A. C. (2011) Initial development and validation of the global citizenship scale. *Journal of studies in international education*, v. 15, n. 5, p. 445-466.
- Morosini, M. C. (2017) Cidadão Global. In: Stella Ceciclia Duarte Segenreich. (Org.). *Organização Institucional e Acadêmica na expansão da educação superior: Glossário*. 1ed.Rio de Janeiro: Publit, 2017.
- Marginson, S. (2014) Student self-formation in international education. *Journal of Studies in International Education*, v. 18, n. 1, p. 6-22.
- Zabalza, M. B. (2015). Innovaciones didácticas para la nueva universidad del S. XXI. In Engers, M. E. A.; Morosini, M. C.; Felicetti, V. L. (Orgs). *Educação Superior e Aprendizagem*. Porto Alegre: EdiPucrs